

## CULTURA ESCOLAR E TECNOLOGIAS

A escola sempre esteve submetida à tensão entre as necessidades da integração social e as exigências do desenvolvimento pessoal. Nosso sistema educacional teve sua origem no final do século XIX e respondeu às exigências políticas do processo de construção da democracia e dos Estados nacionais e às exigências econômicas de construção do mercado. Na situação típica do século XIX, a escola era uma continuação da família em tudo o que se referia à socialização moral e aos estilos de vida. A escola formava a criança segundo os aspectos e valores que fortaleciam a coesão social, como a adesão à nação, aceitação da disciplina e dos códigos de conduta, etc. Nesse processo, a criança passava de uma instituição de coesão, a família, para outra, a escola, na qual vigoravam as mesmas categorias de seqüência e hierarquia. Para dar conta de sua função, a escola impunha modelos, oferecia pacotes de soluções pré-fabricadas, estimulava a obediência e a memorização com ênfase na linguagem escrita.

Ainda hoje, a escola é organizada a partir dos mesmos princípios que a caracterizaram em sua origem e que representam uma concepção filosófica de Homem Moderno, onde o ser humano é visto como possuidor de um *self* independente das circunstâncias históricas, centrado, cuja essência está na razão. Esta concepção levou ao desenvolvimento de formas racionais de organização social que prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, a liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da própria natureza humana. Acreditava-se que, somente por meio de tal projeto, as qualidades universais, eternas e imutáveis de toda a humanidade poderiam ser reveladas.

Barbero (2001), ao descrever a escola, afirma que ela encarna e prolonga o regime de saber que a comunicação do texto impresso instituiu. O paradigma de comunicação utilizado por esta instituição

*converte a idade no "critério coesivo da infância", permitindo estabelecer uma dupla correspondência: entre a linearidade do texto escrito e o desenvolvimento escolar – o avanço intelectual caminha paralelo com o progresso na leitura – e entre estes e as escalas mentais da idade. Essa correspondência estrutura a informação escolar de forma tão sucessiva e linear que todo atraso ou precocidade serão tachados de anormal, ao mesmo tempo em que a comunicação pedagógica é identificada com a transmissão de conteúdos memorizáveis e reconstituíveis: o rendimento escolar se mede por idades e*

*pacotes de informação aprendidos. E é este modelo mecânico e unidirecional ao qual responde uma leitura passiva, que a escola fomenta (p.57).*

Na escola o professor detém o saber de uma leitura unívoca, a leitura considerada correta; ao aluno cabe apenas fazer ecoar essa leitura, deixando de lado sua criatividade e a percepção de suas próprias idéias.

Penteado (1998) diz que há posições nitidamente delineadas que demarcam o campo de compreensão sobre a educação formal. Uma delas apresenta a escola como guardiã do conhecimento originado na produção científica, cultural e artística, o qual cumpre a ela conservar e cuja transmissão tem a responsabilidade de garantir. Define, pois, a escola como informativa, detentora do conhecimento, mas não sua produtora.

Pérez Gómez (2001) afirma que esta instituição impõe lentamente certos modos de conduta, pensamento e relações próprios de uma instituição que se reproduz a si mesma, independentemente das mudanças radicais que ocorrem ao seu redor. Os docentes e estudantes, mesmo vivendo as contradições e desajustes das práticas escolares dominantes, acabam reproduzindo as rotinas que geram a cultura escolar, com o objetivo de conseguir a aceitação institucional.

*"Por outro lado, as forças sociais não pressionam, nem promovem a mudança educativa da instituição escolar porque são outros os propósitos e as preocupações prioritárias na vida econômica da sociedade neoliberal e , pelo menos, a escola continua cumprindo bem a função social de classificação e creche, sem interessar demasiado o abandono de sua função educativa."(idem:11)*

O viés adotado pelo sociólogo francês Forquin (1993) ao caracterizar a escola insere as relações e implicações da cultura na escola, mais especificamente no currículo escolar. Ele fala do papel social que a escola e o currículo sempre desempenharam na sociedade ocidental, lembrando que desde que a educação deixou de ser uma tarefa doméstica e passou a ser uma atividade em que a sociedade delega a alguns (os/as professores/as) o dever de ensinar saberes, muitas foram as divergências sobre o que ensinar e como ensinar. As preocupações deste autor em torno das implicações culturais no currículo são questões bem atuais na discussão contemporânea acerca do movimento da globalização cultural. Num mundo marcado por conflitos entre modos diferentes de organizar a sociedade, de comportar-se, a escola tem um papel importante a

desempenhar. Forquin reconhece o caráter conservador da escola, mas reserva a ela a possibilidade de reinterpretar e criar a partir da herança cultural.

Para o autor, o currículo enquanto herança cultural é um conjunto de conhecimentos selecionados culturalmente, estratificados hierarquicamente, compartimentados em disciplinas escolares e descontextualizados para fins didáticos e ideológicos. Ao discernir "cultura escolar" e "cultura da escola", Forquin enfatiza que o currículo é a peça central quando se trata de cultura escolar, que é definida por ele como o "*conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, "normatizados" e "rotinizados", sob o efeito dos imperativos da didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas*" (idem:167). A cultura da escola, por outro lado, é a produção e a gestão de símbolos, ritos e linguagens específicos de uma unidade escolar. De acordo com Forquin, ensinar é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura, elementos estes que foram selecionados e discriminados a partir de critérios geralmente denominados "universais".

A seleção de conteúdos e procedimentos didáticos específicos é responsável por uma tensão entre a cultura escolar e a demanda por conhecimentos que tenham sentido para os alunos. Enfim, para este autor, o objetivo da educação é transmitir algo da cultura, elementos da cultura que podem ter origem em fontes ou épocas diferentes para a socialização das novas gerações. No entanto, na escola, a cultura de referência é a dominante e a diversidade está restringida ao que uma minoria define como "cultura comum" que se limita a mencionar as contribuições das minorias, mulheres, imigrantes, etc.

O conceito de "escola como cruzamento de culturas" definido por Pérez Gómez (idem), reitera que ocorre na escola um "vivo, fluido e complexo cruzamento" entre as seguintes propostas que se articulam no espaço escolar: a proposta da **cultura crítica** (ou alta cultura), que diz respeito ao conjunto de significados e produções que, nos diferentes âmbitos do saber e do fazer, os grupos humanos foram acumulando ao longo da história; as determinações da **cultura acadêmica**, refletida nas definições que constituem o currículo; os influxos da **cultura social**, constituída pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões do cotidiano **da cultura institucional**, presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e ritos próprios da escola como instituição específica; e as

características da **cultura experiencial**, adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com seu meio.

Ao analisar detidamente os diferentes aspectos que compõem cada uma destas culturas que interagem no espaço escolar, o autor tenta desvendar um pouco sobre o *currículo oculto*, ou seja, aquilo que os estudantes realmente aprendem a partir do que lhes é ensinado intencionalmente no currículo explícito. Ele afirma que tanto os intercâmbios acadêmicos como os intercâmbios pessoais ou as relações institucionais se encontram mediatizados pela complexa rede de culturas que se inter-relacionam neste espaço artificial, e que constituem uma rica e espessa teia de significados e de expectativas por onde transita cada sujeito em formação. Para ele, a função educativa da escola é oferecer ao indivíduo a possibilidade de detectar e entender o valor e o sentido dos influxos explícitos e latentes, que está recebendo em seu desenvolvimento, como consequência de sua participação na complexa vida cultural de sua comunidade. Para isso, a responsabilidade do docente é submeter sua prática e seu contexto escolar ao escrutínio crítico, para compreender a trama oculta de intercâmbio de significados que constituem a rede simbólica em que se formam os estudantes.

Ainda no âmbito das discussões sobre cultura na escola, percebe-se que esta instituição tem dificuldade de trabalhar com a diversidade de tempos, ritmos, valores, identidades e culturas. Ao que parece, ela não consegue se desvencilhar da hierarquização dos saberes e tempos escolares, dos conteúdos ditos essenciais na formação humana, ou seja, do currículo como um grande arcabouço que permeia a escola desde sua formação e que prioriza uma universalização dos saberes dominantes. Esquece-se de que nesse espaço situam-se sujeitos com identidades próprias e múltiplas em processo de construção. Nesse contexto, a escola e o currículo refletem, de forma arbitrária, os interesses das classes dominantes, deixando ocultas as distintas culturas e identidades presentes na sala de aula e na sociedade. A instituição do saber continua a desenvolver uma educação monocultural, com posturas nada democráticas na difusão dos conhecimentos. A diversidade sempre foi encarada como patologia e até hoje serviu de explicação para o fracasso escolar.

Semprini (1999 *apud* Souza, 2001), ao conceituar a escola, diz que ela parte de uma epistemologia monocultural, que contempla os seguintes aspectos:

- 1) A realidade é independente, ela existe sem relação com as representações humanas;
- 2) A realidade não é condicionada pela linguagem, existe independente da narrativa que a descreve e da linguagem utilizada neste ato;
- 3) A verdade é absoluta, o erro é uma questão de precisão, ou seja, um conhecimento ou um julgamento pode ser sempre aperfeiçoado;
- 4) O conhecimento é objetivo, externo e independente do sujeito, da linguagem e da realidade social.

Esta epistemologia coincide com as concepções da cultura moderna, já mencionada acima.

Não podemos deixar de mencionar que a instituição escolar tem como uma das funções sociais mediar a relação entre os estudantes e o conhecimento e, desde que passou a existir na sociedade industrial, sempre determinou o que se deve ou não ser ensinado e a maneira como se deve aprender e comportar. Ela é uma *instituição especializada em socialização* (Belloni, 2001) e suas idéias e formas organizacionais têm grande legitimidade na vida social. A escola (assim como a TV) cria uma aura diferente naquilo que traz em sua pauta. Então, para os sujeitos sociais, se algum assunto merece ser tratado na escola é porque ele deve ser importante.

Segundo Belloni (2001), a escola, assim como a mídia, desempenham o papel de guardiãs e difusoras de uma espécie de síntese dos valores hegemônicos que formam o consenso indispensável à vida social. Estas duas instituições são as que, atualmente, usufruem de maior prestígio no que concerne à legitimação de seus conteúdos como tópicos que merecem ser levados em consideração. No entanto, a instituição escolar, que por muito tempo usufruiu sozinha deste poder, agora vê-se obrigada a dividir seu posto com outras instituições que fazem veicular o saber de modo diverso do seu e que parecem ser mais eficazes em suas táticas de sedução.

Um dos entrevistados da pesquisa que deu origem a este trabalho, o professor M, resume assim a educação formal:

*"a educação é uma atividade que tem uma origem muito bonita e muito feia. O que é bonito é que ela é uma tentativa de uma sociedade de sistematizar a manutenção do seu conhecimento, a passar para as novas gerações os conhecimentos necessários para elas irem ao mundo, para elas irem à vida, esse aspecto positivo do que a escola tem como instrumento de reprodução(...). Ela estende a atividade familiar, ela estende a mãe, ela estende o pai como*

*disciplina, ela faz essa extensão sobre vários aspectos. Ela é um instrumento fantástico, ela representa um avanço civilizatório do qual a gente não pode abrir mão e a gente tem que abrir o olho porque eu acho que a escola como instituição está correndo um sério risco na sociedade moderna porque, aqui é o lado feio, a escola por isso tudo, pelo mundo que ela foi gerada, se tornou um instrumento conservador, necessariamente conservador. Ela é o lado às vezes equivocado da tradição. Ela tem o papel de levar a tradição das comunidades, da sociedade, dos povos, mas isso, por uma série de aspectos, na maior parte do mundo se transformou num instrumento muito conservador. Então a escola, e aí a escola é todo sistema: o sistema curricular, o entendimento sobre currículo, o sistema de formação de profissionais para trabalhar nesse ambiente, toda a concepção de como esse sistema vai funcionar, ela evoluiu num ritmo muito diferente do ritmo do restante da sociedade. Isso é uma explicação que eu ainda não consegui entender exatamente porque que isso foi assim."*

Em meus estudos, sobressaiu-se ainda um outro aspecto intrínseco à cultura escolar que não é usualmente mencionado quando se caracteriza esta instituição: é o uso do virtual (como o define Lévy) como parte inerente de sua estrutura.

### **O virtual na escola**

*Cena 3:*

*- "Não me importa se o colégio tem pouco espaço, o que importa é que ele faça um trabalho que amplie a cabeça dos meninos a tal ponto que eles não vão sentir que o espaço físico é apertado."*

Essas palavras foram ditas por uma amiga justificando o fato de ter colocado seus filhos numa escola pequena, mas que trabalha os conteúdos curriculares de forma lúdica, desenvolvendo habilidades artísticas, contando histórias, levando as crianças para fora do espaço escolar, numa viagem mental e virtual tão grande que elas nem percebiam a falta do espaço físico concreto. Foi a partir daí que passei a pensar a escola sob o ângulo do virtual. E o que seria isso?

Quando um professor entra em sala de aula, ele carrega um conhecimento que é externo à situação presencial e que deve ser oferecido aos alunos. Ele vem com a proposta de levar esses estudantes a uma jornada virtual ao passado, ao mundo das fórmulas, das ciências, das línguas estrangeiras, enfim, ao mundo da experiência humana entendida como cultura. Ele é um mediador entre esse conhecimento virtual e os alunos. Do outro lado, vemos um grupo de crianças ou

adolescentes conversando entre si, tocando umas nas outras, rindo alto, brincando, puxando o cabelo umas das outras, numa demonstração de vivacidade e euforia. Nos novos tempos, esse professor tem tido dificuldade para conseguir penetrar, com seu conhecimento virtual, dentro deste presencial tão denso tecido pelos estudantes entre si. A viagem para fora do mundo da escola e para dentro do mundo do conhecimento que o professor propõe, tem sido, de um modo geral, rejeitada pelos alunos. E a conseqüência, vemos estampada periodicamente nos censos escolares e nos jornais : evasão escolar, repetência, baixa qualidade e resultados abaixo do desejado.

Não quero dizer com isso que a virtualidade que compõe a estrutura escolar seja a única responsável pelos problemas na escola, ou seja, que se a escola trabalhasse só no concreto, ela se sairia melhor. O que quero dizer é que o virtual é parte inerente à forma como a escola foi pensada e, por isso, faz parte da cultura escolar. O virtual anda junto com a série de atos técnicos típicos da escola, como planejamento e planos diários de aula, currículos em fases pré-estabelecidas, testes e provas de aferição, além da distância da cultura do aluno.

Na instituição escolar onde realizei esta pesquisa, é reclamação corrente entre os professores que as crianças não prestam mais atenção à aula, falam o tempo inteiro, têm dificuldade de se concentrar. E alguns culpam a densa relação dos estudantes com as mídias como a fonte de tanta dispersão. Uma das professoras entrevistadas para essa pesquisa, a professora H, fala isso claramente:

*"O que eu observo de um modo geral é em relação à televisão, que as crianças hoje em dia têm muito mais dificuldade de concentração do que alguns anos atrás. Eles têm muito essa questão de ver a televisão, de trabalhar no computador. Eles se concentram ali em joguinhos e tal. Mas eles criaram um vício de que é aquilo e eles dificultam o trabalho com a escrita e a leitura."*

Este pensamento está presente também na própria mídia que, de tempos em tempos, faz artigos ou reportagens falando da violência que é desencadeada pelo contato das crianças com programas que veiculam imagens fortes de agressões ou mesmo, relatam casos de adolescentes que foram afetados mentalmente pelo excesso de contato com jogos virtuais, computadores, televisão. Responsabilizar a relação das crianças com as mídias pela dificuldade de aprendizagem na escola também tem se tornado um senso comum entre educadores, professores, pais, etc. De acordo com eles, toda essa virtualização que

experimentamos no mundo de hoje, seria prejudicial ao pensamento reflexivo, lógico-sequencial que a escola tem trabalhado ao longo dos tempos.

A partir das reflexões que fiz acima, em diálogo com Pierre Lévy, o virtual é um decolar para outros lugares, outros momentos e outros mundos, e assim, a escola há muito que desenvolve este meio de ação com seus estudantes. Todos nós que freqüentamos a escola, sempre estivemos envolvidos com o virtual, pois o conhecimento e a informação são virtuais.

Lembrando que, para Lévy, o virtual não é exatamente o que pode se tornar real, mas sim o que pode ser atualizado, num contexto escolar podemos pensar que o conhecimento trazido pelo professor para a sala de aula nunca se tornará real, ele por ele mesmo. Por exemplo, o professor de História que fala da Idade Média, não espera que essa época da história venha a se tornar real nos tempos atuais. Mas, a partir do momento em que for trazida a um ambiente presencial, ela poderá ser atualizada, discutida, seus erros e acertos poderão ser aprendidos e repetidos ou evitados. Em suma, esse conhecimento virtual poderá ser atualizado, e soluções ou problemas diferentes poderão ser encontrados.

De acordo com as concepções adotadas como pressuposto para esta pesquisa, o virtual é imensamente maior que o real e perpassa a escola e a sociedade em toda a sua extensão. O virtual está nos livros, nos textos, nas falas dos professores, na economia, nos corpos, no trabalho; ele é quase onipresente. Desta forma, como a escola sempre trabalhou com a oralidade e o texto escrito, tentarei entender como este conceito se desenvolve nos meios citados.

Para Lévy, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte físico. Ao ler ou ouvir um texto, o leitor ou ouvinte atualiza a seu modo a mensagem que está sendo veiculada. Ele irá interagir com esse texto decodificando as palavras e frases e dando-lhe significação ao mesmo tempo em que forma imagens mentais sobre ele. O suporte físico onde encontramos esse texto poderá ser o papel, ou a voz da pessoa que o profere.

Se formos um pouco mais além, chegaremos à questão da linguagem. De acordo com esse autor, a linguagem virtualiza um tempo real que mantém aquilo que está vivo prisioneiro do aqui e agora. Graças às línguas e às linguagens plásticas, visuais, musicais, matemáticas, etc, temos acesso direto às coisas ausentes, cenas, intrigas, séries de acontecimentos ligados uns aos outros. Quanto mais as linguagens se enriquecem e se estendem, maiores são as possibilidades de



simulação, imaginação. Assim, a virtualização, ao liberar o que era apenas o aqui e agora, abre novos espaços e outras velocidades.

A meu ver, a virtualização associa-se mais intimamente com a formação de imagens mentais, imagens que se formam a partir do inventário simbólico que construímos em nossa cultura. Quando nos contam uma história, decodificamos as palavras e lhes damos significação ao mesmo tempo em que formamos uma imagem acerca do que é contado. Essas imagens surgem de dentro de cada um de nós, de acordo com nossa subjetividade, história de vida e das imagens pertencentes ao grupo social e cultural em que vivemos. Então, por exemplo, se um grupo social vive nos mesmos lugares, teve histórias parecidas, assiste aos mesmos filmes e programas, provavelmente essas imagens serão parecidas.

Reconheço que a escola, desde sua origem, procura desenvolver o pensamento virtual em seus educandos. Virtual no sentido da abstração. Porém, o que eu questiono, é se hoje, esse virtual que vem mediado pelo professor na sala de aula possibilita que as crianças realmente o atualizem, ou seja, formem imagens mentais sobre ele. Às vezes o conhecimento trazido pela escola para formar seus estudantes, exige deles um grau de abstração tão grande que se torna impossível para os alunos criar as imagens que facilitariam sua compreensão e elaboração dos conceitos apresentados. E por que essa dificuldade aconteceria? Possivelmente porque a escola trabalha com o princípio de homogeneização dos aprendizes, com a idéia de que os sujeitos que chegam a ela precisam desenvolver a mesma forma de perceber o mundo, a mesma imaginação, memória e linguagem.

Tudo na cultura escolar parece indicar que a escola pressupõe que todos os alunos apreendem da mesma maneira, ao mesmo tempo, no mesmo ritmo o conhecimento considerado universal, supostamente neutro. Ela tem dificuldade em aceitar que estes sujeitos que chegam a ela vêm com identidades formadas a partir de contextos e experiências que muitas vezes se chocam com a tradição escolar, incluindo uma extensa relação com os meios de comunicação e informação.

Dentro da escola onde desenvolvi minha pesquisa, percebi que os professores legitimam certas formas de virtualidade em detrimento de outras. A virtualização advinda da relação professor-aluno (com a oralidade como

intermediária), do livro e do texto escrito é mais valorizada do que a que advêm do cinema, da televisão ou do computador.

A fala de uma das professoras entrevistadas ajuda a esclarecer esse ponto de vista :

*"O que eu tenho observado é que, por exemplo, pegando como exemplo as HQ, que é uma coisa que eles tem acesso na televisão como desenho. Então eles assistem, eles vêem, eles entendem, mas eles não pegam os detalhes, eles não estabelecem relações entre início, fim. Fica uma coisa mais fluida, mais superficial, mais rápida. E quando a gente pega aquela mesma história num texto em linguagem verbal, e a gente começa a analisar, começa a mostrar, aí eles começam a perceber certos detalhes. Acho que a coisa vai mais para uma análise mais profunda..."*

A meu ver, a escola não quer conceder espaço e legitimidade a virtualidades diferentes do texto escrito. Para os professores, essa categoria de virtualização possibilita o aprofundamento, a reflexão, enquanto que o vídeo ou o computador tornam o trabalho mais superficial. Para a maior parte dos entrevistados nessa pesquisa, o texto escrito é sempre o referencial mais importante, onde se tem a possibilidade de voltar, pensar, refletir.

### **Duas dimensões de virtualidade**

Pensando a escola sob a perspectiva do virtual, questionei-me então sobre o que aconteceria nas aulas com o uso dos meios de comunicação e informação, já que eles são os veículos do virtual por excelência inseridos nos domínios da cultura impressa. Achei pertinente, nessa pesquisa, pelo menos tentar estabelecer uma diferenciação entre o virtual tradicionalmente presente na escola (que ocorre na escrita e na oralidade) e o virtual advindo das tecnologias da informação e da comunicação.

Antes de iniciar minha investigação, notei que precisava desconstruir a idéia de que o virtual estava apenas nos produtos das tecnologias.

*"A imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização que nos fizeram abandonar a presença muito antes da informatização e das redes digitais"* (Lévy, 1996, pg 20).

A primeira diferença básica entre o texto escrito ou proferido verbalmente e o texto veiculado pelas tecnologias parece ser o *suporte físico*. Enquanto o

palpável no texto escrito é o papel e no texto oral é a pessoa que o diz, nas tecnologias o suporte físico é a máquina. Isso faz toda a diferença. McLuhan (1967) já dizia que "o meio é a mensagem" querendo dizer com isso que, dependendo do veículo pelo qual a mensagem é veiculada, ela terá um significado diferente. *"Todos os meios agem sobre nós de modo total. Eles são tão penetrantes que suas conseqüências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais deixam qualquer fração de nós mesmos inatingida, intocada ou inalterada"* (McLuhan, 1964, pg 54). A "mensagem" seria, portanto, uma "mudança de escala, cadência ou padrão" (idem, 1964:22) que o meio provoca nos hábitos perceptivos, ampliando e acelerando processos já existentes. No caso do computador, essa máxima de McLuhan torna-se clara pois esse meio modificou inclusive a maneira de se ler um texto tradicionalmente escrito com tinta no papel.

De acordo com Lévy, uma pessoa que lê um livro ou um artigo no papel, se confronta com um objeto físico sobre o qual uma certa versão do texto está integralmente manifesta. Certamente ela pode anotar nas margens, fotocopiar, recortar, colar, mas o texto está lá, preto no branco, já realizado integralmente. Na leitura no computador, essa presença extensiva e preliminar à leitura desaparece. O suporte digital (disquete, disco rígido, disco ótico) não contém um texto legível por humanos, mas uma série de códigos informáticos que serão eventualmente traduzidos por um computador em sinais alfabéticos para um dispositivo de apresentação. A tela apresenta-se então como uma pequena janela a partir da qual o leitor explora uma reserva potencial. Conseqüentemente, a digitalização e as novas formas de apresentação do texto dão acesso a outras maneiras de ler e compreender.

Ler em tela é, antes mesmo de interpretar, enviar um comando a um computador para que este projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície luminosa. O computador pode ser apenas um instrumento mais sofisticado de escrever textos, como uma máquina de escrever, por exemplo. Porém, usar o computador desta forma equivale a negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de novos gêneros ligados à interatividade. Se considerarmos o conjunto de todos os textos (ou imagens) que o leitor pode divulgar automaticamente interagindo com um computador, penetramos num novo universo de criação e de leitura dos signos.

*"O texto contemporâneo, alimentando correspondências on line e conferências eletrônicas, correndo em redes, fluido, desterritorializado, mergulhado no meio oceânico do ciberespaço, esse texto dinâmico reconstitui, mas de outro modo e numa escala infinitamente superior, a copresença da mensagem e de seu contexto vivo que caracteriza a comunicação oral. De novo, os critérios mudam: reaproximam-se daqueles do diálogo ou da conversação: pertinência em função do momento, dos leitores e dos lugares virtuais; brevidade, graças à possibilidade de apontar imediatamente as referências; eficiência, por prestar serviço ao leitor (e em particular ajudá-lo a navegar) é o melhor meio de ser reconhecido no dilúvio informacional" (idem, pg 39).*

O filme na película assemelha-se ao texto no papel, ele forçosamente já está realizado por completo. Mas em termos de virtualização, o fato de trabalhar principalmente com a imagem, modifica substancialmente sua significação em relação ao texto escrito. *"A transmissão eletrônica de informações em imagem-som propõe uma maneira diferente de inteligibilidade, sabedoria e conhecimento, como se devêssemos acordar algo adormecido em nosso cérebro para entendermos o mundo atual, não só pelo conhecimento fonético-silábico das nossas línguas, mas pelas imagens-sons também."* (Almeida, 2001, p.16).

Apesar de a imagem ser mais antiga que a escrita e a comunicação pela imagem ser igualmente anterior à escrita, em geral valorizou-se mais a transmissão cultural pela escrita. Isso se deve, em parte, ao fato de que é preciso muito esforço para conhecer o alfabeto e ser capaz de decifrar uma página (aliás, uma atividade mensurável — consegue-se ou não decifrar uma página), enquanto que a leitura de uma imagem, apesar de complexa, prescinde deste esforço e não existe uma "boa" leitura que ultrapasse as outras. Além disso, *"uma imagem pode sempre esconder um aspecto que nos escapa"* (Lazar, 2002). Diria que, de algum modo, manipular a imagem é mais sutil do que fazer o mesmo com a escrita. Para se trabalhar com imagens então, é necessária uma atividade cognitiva diferente do que a exigida para o trabalho com a escrita e com a oralidade. Acredito que os filmes e programas exibidos na televisão e no cinema, "materializam" o virtual, já que dão uma forma imagética ao discurso que está sendo enunciado. Lazar (s/d) diz que as informações que vêm através de imagens, atingem a sensibilidade sem obedecer necessariamente as inflexões do julgamento. Na presença de imagens fortes, a intuição e a afetividade entram em jogo antes mesmo que as instâncias de controle da personalidade estejam a altura de se apoderarem das imagens reais. A informação verbal, ao contrário, atinge o entendimento e atravessa aquilo a que

se poderia chamar os filtros da sensorialidade e do julgamento. Almeida (2001: 9) diz que *"As imagens e os movimentos sonorizados do cinema e da televisão têm um grau forte de "realidade". Realidade no sentido de que aquilo que a pessoa está vendo "é", mais do que "parece ser"*. A pessoa ou objeto que aparece na tela está sendo visto e não lido ou escutado. Existe porque está sendo visto.

Esta forte *sensação de que se lida com o real* na experiência com a televisão ou com o cinema (e que considero ser a segunda diferença), diferencia-se substancialmente da experiência de virtualização gerada a partir do texto escrito e da oralidade. No entanto, a dinâmica que ocorre no ato de assistir a um filme aproxima-se da dinâmica do ato da oralidade: uma situação de fala não termina em um ponto final, mas no último som da voz que falou. Além disso, a situação de oralidade não volta. Pode-se falar de novo, continuar falando, retomar, lembrar, mas não há retorno no tempo da oralidade. O mesmo acontece ao assistirmos um filme no cinema. O espectador, em presença do filme, está numa situação parecida com a oralidade: a sucessão temporal vai se fazendo, não podemos voltar as imagens e os significados vão sendo construídos nessa relação, com a diferença de que nesse meio, os significados fazem-se não só a partir das falas, mas de todos os sons e imagens que se sucedem. *"O significado de um filme não é linear, é corporal, conflituado, não leva a uma conclusão inequívoca"* (Almeida, 2001: 11).

A televisão e o cinema, ao imitar o real usando movimento, sons e imagens, estão desenvolvendo formas sofisticadas multidimensionais de comunicação sensorial, emocional e racional, superpondo linguagens e mensagens que facilitam a comunicação com o público. Combinam a dimensão espacial com a sinestésica, onde o ritmo torna-se cada vez mais rápido. Ao mesmo tempo utilizam a linguagem conceitual, mais formalizada e racional. Imagem, palavra e música integram-se dentro de um contexto comunicacional afetivo, de forte impacto emocional, que facilita e predispõe a aceitar mais facilmente as mensagens. A partir do mosaico de informações que nos chegam, desenvolvemos formas superficiais e fluidas de apreender as informações, no consumo ininterrupto de imagens e sons. Estas combinações nos impelem à produção de leituras não necessariamente lógico-verbais. Além da forma, a televisão e o cinema trabalham, em seus conteúdos, com os mitos e as marcas do imaginário social predominantes nos grupos sociais. *"Mediante alegorias, metáforas,*

*elucidações, as máquinas da sedução vão tocando todo tempo nosso campo simbólico, nossos ideais, nossos sagrados, nossa utopias.*" (Teves Ferreira, 1992:21). Dessa maneira, eles contribuem para a própria instituição e modificação desses mitos.

Pérez Gómez (2001) retrata bem estas idéias quando diz que a televisão privilegia a percepção sobre a abstração, o sensitivo sobre o conceitual, a forma sobre o conteúdo, o espetáculo sobre a reflexão, o concreto sobre o simbólico. O universo do telespectador é dinâmico e o do leitor estático. A televisão privilegia a gratificação sensorial, visual e auditiva, enquanto que o livro privilegia a reflexão. A linguagem verbal é uma abstração da experiência, enquanto que a imagem é uma representação concreta da experiência.

*"A narrativa televisiva utiliza elementos e mecanismos mais propícios para comunicar determinados conteúdos e para estimular certas formas de relação com a mensagem que potenciam o imediatismo, a globalidade e a estética formal. Integra a narração e a descrição num mesmo ato, e a potência do significante pode facilmente ocultar a debilidade ou a insignificância do significado. Pelo contrário, a escrita e a leitura requerem a diferenciação temporal da narração e da descrição, exigindo uma atitude paciente e repousada no leitor que deve postergar, freqüentemente, o desejo e a gratificação."*(p:116)